

S. PAULO

BRAZIL

O AMERICANO

ESCRITORIO

PROPRIETARIOS E REDACTORES

PUBLICA-SE

Largo da Sé, 5 (sobrado)

Cyro de Azevedo e Sá Vianna

às Quartas e Sabbados

ANNO I

Quarta-feira, 6 de Julho de 1881

N. 6

À

MEMORIA

DE

Antonio de Castro Alves

No chão da nossa historia o passo teu verás.

(CASTRO ALVES.)

E' teu folgar primeiro... é tua festa !... Aguia !...

(CASTRO ALVES.)

O AMERICANO

Antonio de Castro Alves

Nos tempos hodiernos a humanidade não cessa de commemorar seus heroes.

Como a Egreja, eleva-lhes suas saudações nos dias em que separam-se das ephemerias glorias da terra, passando aos dominios da immortalidade. Ha uma veneração, um novo culto que invade todas as almas, a unifica todas as intelligencias e a humanidade curva-se reverentemente.

Racine em França revive a tragedia; Byron e Shakspeare destacam a Inglaterra do plano commum; Calderon de la Barca, Miguel Cervantes, Lope de la Vega acentuam á Hespanha uma physionomia distincta; Schiller e Goethe representam Allemanha; Luiz de Camões celebriza nas letras o nome de Portugal.

Os espiritos; as intelligencias e as vontades concorrem para um ponto, e, perante a universalidade dos povos, celebra-se o centenario de Camões, o de Calderon, e mais tarde o de Cervantes.

O Brazil, é verdade, não tem ainda um vulto que se anteponha aos que ahí vão citados de momento.

Hoje a patria lembra o nome de um dos mais vigorosos talentos que soube produzir. Antonio de Castro Alves.

Não deixa a patria que seu filho passe silenciosamente, tanto mais, quando teve-o nos braços e percebeu o vigor da musculatura d'aquella creança, que não desenvolveu-se porque assim o quiz a fatalidade; a força d'aquelle condor altivo que não-poude espanejar livremente as azas no espaço cheio de luz, porque a morte em meio quebrou-lhe o vôo.

Começa a historia a narrar, que Antonio de Castro Alves era filho do dr. Antonio José Alves, lente da Escola de Medicina na Bahia e nasceu a 14 de Março de 1847, na fazenda «Cabaceiras», perto do Currealinho, na comarca de Cachoeira. Aqueceu-lhe o berço o mesmo sol que illuminou os primeiros dias dos melhores estadistas patrios o celebrado Visconde do Rio Branco, os Conselheiros Nabuco e Zacharias; calemos-nos para não citar tantos outros que ainda hoje agitam os publicos interesses.

Ainda em vida o poeta vio publicadas (1870) suas poesias sob o titulo *Espumas Fluctuantes* e com ellas conseguiu tornar-se um dos poetas mais populares do Brazil.

Entregou-se completamente á poesia hugoana e hoje a critica faz-lhe pezar sobre o mérito o exaggero e o exclusivismo de que se revistio. Isso, porém, era natural. A luz do sol admira immensamente e

como que attráe os olhares para o centro d'onde ella se desprende, entretanto offusca e queima. *O Poeta do seculo* então, como ainda hoje, dardejava raios de sua imaginação sublime e não havia fugir, era uma embriaguez de luz.

A *Cachoeira de Paulo Affonso*, mostra a profunda modificação, que soffrera o poeta, tornando-se mais ordenado aquelle violentissimo talento.

E' de sua lavra um interessante drama denominado «Gonzaga» e com essas tres tentativas falleceu no dia 6 de Julho de 1871 as 3 1/2 da tarde, sendo sepultado no cemiterio do *Campo Santo* na manhã de 7 de Julho.

A Redacção do «*Americano*» não tentou biographar o Poeta, lançou apenas sobre sua campa uma corôa de *louros e saudades*, symbolizando a gloria que se entrelaça com a morte.

SÁ VIANNA.

O distincto poeta das *Madresilvas*, o sr. Brazilio Machado, obsequiou-nos com uma poesia inedita de Castro Alves, de quem foi amigo e contemporaneo na Academia de S. Paulo.

Eil-a :

Estrophes do Solitario

Basta de covardia! A hora sôa...
Voz ignota e fatidica resôa
Que vem... D'onde? De Deus.
A nova geração rompe da terra
E, qual Minerva armada para a guerra
Pega a espada... olha os céus.

Sim! De longe, das raias do futuro
Parte um grito, p'ra os homens-surdo, obscuro,
Mas para os mocos, não!
E' que em meio das lutas da cidade
Não ouvis o clarim da Eternidade
Que trôa n'amplidão!

Quando as praias se occultam na neblina
E como a garça abrindo a aza latina
Corre a barca no mar,
Se então sem freio se despenha o norte
E' impossivel—parar... volver—é morte...
Só lhe resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,
A tyrannia é o tremedal das plagas,
O porvir—a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta
E' o furor da mais lobrega tormenta
—Ruge a revolução.

E vós cruzaes os braços... Covardia!
E murmuraes com fera hypocrisia
—E' preciso esperar...
Esperar!?... Mas o que? Que a populaça—
Este vento que os thronos despedaça—
Venha abysinos cavar?...

Ou quereis como o satrapa arrogante
Que o porvir n'ante-sala espere o instante
Em que o deixeis subir?!
Oh! parae a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o condor, os elementos...
Porém nunca o porvir.

Meu Deus! Da negra lenda que se inscreve
Com o sangue de um Luiz no chão da Grêve
Não resta mais um som!...
Em vão nos deste p'ra maior lembrança
Do mundo—Europa, mas d'Europa—França
Mas da França—um Bourbon.

Desvario das frentes corôadas!
Na pagina das purpuras rasgadas
Ninguém mais estudou!
E no sulco do tempo embalde dorme
A cabeça dos reis—semente enorme
Que a multidão plantou!...

No entanto fôra bello n'esta idade
Desfraldar o estandarte da egualdade
De Byron ser irmão...
E prodigo—á esta Grecia brasileira
Legar no testamento—uma bandeira,
E ao mundo—uma nação.

Soltar ao vento a inspiração do Graccho,
Envolver-se no manto do Espartaco
Dos servos entre a grey;
Lincoln—o Lazaro accordar de novo,
Da tumba da infamia erguer um povo,
Fazer de um verme—um rei.

Depois morrer... que a vida está completa
—Rei ou tribuno, Cesar ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta escutar do fundó lá da cova
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós...

CASTRO ALVES.

Castro Alves

O costume do julgamento final entre os Egypcios, transmudou-se para as instituições litterarias da moderna sociedade, e a posteridade practicando sobre talentos que se foram, senta-se, é porta do senado da gloria para lançar o *tribuo* que rasga as portas da fama, ou o *velo* que define as mediocridades.

A sagração dos vivos é o inicio de uma resurreição para os mortos. E' o presente envergando a tóga de juiz e visitando os cemiterios, para talhar a estatua de uma reputação bem firmada.

A glorificação de uma intelligencia productiva, não significa o preto expontaneo que irrompe de um entusiasmo temporario, externa um juízo cuja seriedade vem de um estudo analytico, de uma critica justa, cuja manifestação é indício de vitalidade intellectual em um povo.

Tem o caracter de uma homenagem, e o criterio de uma sentença firmada no estudo.

O dia de hoje é o mineiro obrigado das grandezas do dia de hontem e o preparador dos triumphos do dia de amanhã.

O presente autopsia o passado, e no cumprimento desse dever, busca habitantes para o Pantheon da fama, convivas para um *Lect. sternium*, não para conjurar a colera como faziam os romanos á seus deuses, sim para lhes definir as individualidades, consagrando os meritos.

Castro Alves pertencendo á *alidosos namorados* da nossa litteratura, como potencia intellectual e verdadeiro poeta, merece, dez annos depois de ter resvalado no tumulo, o culto externo que se consagra aos inspirados, o respeito de que são credoras as intelligencias que produzem.

Era-lhe pujantissimo o talento, e a imaginação herculeã buscava na sua alma de artista, o alento para vós

rasgados, ou o mimo para as travessuras de phantasia juvenil. Tem arrancos de imaginação que espantam as intelligencias timoratas; tem graciosidades que deleitam, fazendo rir alegremente os velhos, e sorprendendo com meiguice as creanças.

Póde-se dizer do poeta das *Espumas Fluctuantes*, o que Henri Heine diz de Meyer-Beer, analysando os Huguenotes: «Ha no conjuncto de suas producções, o aspecto imponente do trabalho de um gigante, no delicado da ornamentação, no fino recorte dos arabescos, a amostra da excessiva paciencia de um anão».

Para os predestinados do talento, a morte é o raiar de uma aurora de luz.

Castro Alves mostrou-se entusiasta de Victor Hugo, e procurou com vantagem seguir-lhe a róta. Máu grado a influença do estylo Hugoano, resalta nas producções do moço poeta, a feição de uma individualidade que tem vida propria. Ha uma phisionomia original nos seus versos, uma modalidade privada.

Não deixou escola, dizem os que lhe invejam a gloria; nem podia deixar. O seu talento não chegára ao periodo de completa florescencia; o discipulo principiava á ser um grande mestre sem ter ainda creado escola para si, onde a sua pessoalidade poetica se affirmasse, onde elle pudesse ser um chefe da escola em que apprendeu, ou um innovador de modernos principios.

Era da raça dos Titans. Tinha sublimidades de Prometheu, roubando ao céu bellezas de inspiração.

Tinha a plastica da idéa e a da fórma que moldura o pensamento.

Foi ainda um grande coração, uma alma aberta ás grandes aspirações, aos magos sentimentos.

Cantou a liberdade, e verberando o elemento servil, lançou sobre o escravo a tunica de uma compaixão respeitosa, e deu-lhe a voz da justiça e do direito, reclamando contra a prepotencia.

Hoje a parte intelligente da nação, rende respeitosas homenagens ao talento que voou d'entre nós para vogar nas *espumas fluctuantes* do mar da gloria.

Morreu. Não. Nasceu para a fama.

CYRO DE AZEVEDO.

Soneto

Talvez é somno a vida, e vida a morte;
Dorme-se aqui—pr'a despertar além!
O vivo é um morto, e a luz que do alto vem
Do céu á terra é a ponte de transporte!

—Passageira illusão, ou crença forte...
Quem sabe?!—O mundo é o nada... e a lousa
tem

O segredo do sphynges... o mal e o bem
Das mortas gerações... destino ou sorte!...

Não sei; responde:—a tua mocidade,
Planeta em céu ignoto, é anjo ou nume,
E o sol de lá é a luz da eternidade!

Talvez!... quem sabe!... o pô tudo resume!...
Mas o teu coração, ainda saudade,
Ficou—murmurio e flôr, brisa e perfume!

JOSE' BONIFACIO.

A memoria do poeta

Valido poeta sertanejo! Quem jamais deixou de estremecer, ouvindo-te as vibrações á lyra inspiração brasileira; ou cantasses a queimada de uma floresta gigantea, ou a queda de altaneira catadupa, ou a nemia do captivo que envia soluços desesperados ao sol, que daria as tardes americanas?

Quiçá calará a bocca de muitos o que agita-lhes o peito; e, pretendendo que fizesses o que só hoje se faz, quando ha já dez annos a pá do coqueiro cobriu-te de terra o ataude, negam-te a incontestavel realza de um talento peregrino de poeta, não já de reformador, como o foste, mas até dos que na Academia de S. Paulo, como na do Recife, têm occupado os lugares mais distinctos na phalange dos vates de eleição!!

Tuas estrophes são conhecidas em todo o Brazil; decoram-n'as.

Teu nome tem as irradiações dos immortaes.

Como o frade poeta, Junqueira Freire, podes contar com a posteridade em teu paiz.

E' já alguma cousa, quando dez annos faz hoje que na legendaria cidade de S. Salvador fugiu-te a alento extremo do viver.

E não has de ser esquecido, ó valido poeta sertanejo!

FILINTO BASTOS.

A Castro Alves

Não pode macular-te a gloria pura,
Do canino rancor com a espuma baixa,
A matilha feroz que vil se agacha
Da inveja á sombra criminoso e escura:
O teu genio fecundo embora negue;
Da historia o pedestal, nunca vendido,
Teu vulto ergueu bem alto, onde não chegue
Da injustiça o rugido.

O surdo esquecimento, vasto e frio,
Que do vulgo a lembrança apaga e some,
Jamais se fechará sobre o teu nome,
Da noite secular no véu sombrio;
Antes, sobrenadando ao tempo e ao fado
Vivo como um exemplo, irá seguro,
Dos baldões da injustiça resgatado,
Ao templo do futuro.

THEOPHILO DIAS.

O poeta da Emancipação

I

Como elle, ando eu á pedir luz, e
á querer galgar altas montanhas que
alevantam-se-me pela frente...

Ha, porém, notavel e profunda differença entre nós ambos. Elle, apesar de *cego*, conseguia fitar o sol, e consentir que este se mirasse em seus olhos, transformando-os em brilhantissimos diamantes. E' o vezo das aguias.

Eu não posso encarar o astro-rei; porém, entendendo que a luz, quente, fecunda, immensa, com que elle circunda os hemispherios, não encontra decente recepção na superficie do meu paiz... desço ao fundo das minas, e, como simples operario, vou solapando o sólo, á vêr se faço emergir ouro para molduras, e afundar nas profundas cavernas essa noite humana, que, logo ao amanhecer, envergonha o matutino hospede; noite onde ha gritos e lamentos, blasphemias, e ranger de dentes, como no inferno da Biblia, e que recebeu o repugnante nome de *Escravidão*. Tenho o vezo das formigas. Elle era o genio; eu sou o homem: não somos eguaes.

II

Poeta de muito merito foi elle. Estava deixando Byron, para seguir Hugo; ia deixar a tristeza, para adquirir a saude; já tinha *força*. Estava quasi educado, prompto, o athleta. Guindava-se ás alturas, e, tambem gymnasta, por aprendizagem artistica que fizera, maravilhava os contemporaneos com os audaciosos equilibrios da sua concepção.

Era como o oceano o seu cerebro: equilibrava as deslumbantes armadas do pensamento, aos plangentes—hurrahs!—dos marujos, enfileirados, como passaros, nas vergas. Só teve, porém, uma violenta tempestade aquelle oceano: foi quando vio, ao longe, ballouçar-se o *Navio Negro*.

Depois serenou, e desceu; não por fadiga, mas por amor. Foi para as soberbas, e odorantes flôrestas, e para as interminas campinas, grandes como o silencio, grandes como elle; mas não poudo obter socêgo: ahi mesmo vio fluctuar, arrogante, como se fôra a da patria—a bandeira do navio fatal!...—Escreveu os *Escravos*.

E o que farias tu, hoje, ó sublime cantor da egualdade dos homens? Em que tintas sanguineas irias molhar o teu esplendido pincel de artista, para traçar o triangulo equalitario? O que farias, agora—que os teus hombros, por certo, aguentariam todo o peso da escola moderna?..

E's morto! Mas succedeu-te uma geração inteira de jovens, que estão educando o futuro, e personificando a patria em Andrada—o patriarcha, na phrase historica, e o mundo civilisado no descobridor de mundos, a tua successora brada, ainda, áquelle, e brada, ainda, á este:

«Andrada! Arranca este pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta de teus mares!»

BRAZIL SILVADO.

No decenario de Castro Alves

Si grande elle tombou, maior o ergeu a gloria :
tomou-lhe a terra—o corpo ; tomou-lhe o nome—a historia !

Ha dez annos cahio : foi sulco a sepultura
donde rebenta e cresce a mascula estatura.

A tribuna não mais radiará sublime,
nem mais seu vulto enorme atemorisa o crime.

A harpa se estalou, pendente do salgueiro
armadura desfeita aos pés de um cavalleiro.

No emtanto cresce ainda, e cresce no horisonte
o alevantado morto, estrellas sobre a fronte.

O tronco se lanscou... mas a vergoentea nova
do loureiro emmoldura um perystilo á cova.

A onda se partio... e *espumas fluctuantes*
arminhos são agora á um berço de gigantes !

Si grande elle tombou, maior o ergueu a gloria :
tomou-lhe a terra—o corpo ; tomou-lhe o nome—a historia !

S. Paulo, 6 de Julho de 1881.

DR. BRAZILIO MACHADO.

Castro Alves

Conheci o poeta. Era alto, moreno, de olhos vivos e penetrantes, cabellos negros e fronte espaçosa. Dotado de um character energico varonil, era extremamente sympathico na figura, na voz e no gesto.

Natural da Bahia, tornou-se logo popular em S. Paulo, apenas recitou aqui os seus primeiros versos. Entre os poetas lyricos de maior nomeada, apparece Castro Alves, como um dos ultimos representantes da velha escola, eminentemente nacional.

Quem lê Alvares de Azevedo, Casemiro de Abreu, Varella, Castro Alves, sente logo a influencia irresistivel do temperamento e do clima, contra os quaes luctam em vão os corypheus da escola realista, aqui na America. E' de ver como elles a cada passo idealizam, deixando-se trahir na languidez da phrase, quando descrevem uma natureza que nós não temos e nunca vimos.

Se o fim da arte é cópiar da natureza o que ella tem de mais bello ; se a poesia, que brota espontanea, tem por fim o deleite, Castro Alves é um artista primoroso, um poeta suavissimo. Além de um volume publicado na Bahia, conheço as *Espumas fluctuantes* e a *Cachoeira de Paulo Affonso*, onde se encontram verdadeiros primores de poesia. No genero descriptivo bem poucos o excederam.

Parece-nos estar vendo a realidade, quando escreve o Poeta :

«E' a hora em que, fugindo aos raios da esplandada,
«A indigena, a gentil matrona do deserto,
«Amarra aos palmeiras a rede mosqueada,
«Que, leve como um berço, embala o vento incerto.»

Quem não conhece a canção do bohemio que começa :

«E' meia-noite ! na deserta rua
«Tremem de frio os lampeões sombrios ;
«Densa garça faz fumar a lua
«Ladram de tedio trinta cães vadios.»

Não é isto que se vê, por noite de luar, em S. Paulo, a cidade das neblinas ?

No arrojo da concepção, tinha imagens como esta :

«Eil-a, a não do sepulchro—o cemiterio...
«Que povo extranho no porão profundo !
«Emigrantes sombrios que se embarcam
«Para as plagas sem fim de outro mundo.»

O fragmento intitulado — *Navio Negreiro*, é uma das mais bellas produções de Castro Alves ; ahí vae uma estrophe :

«Stamos em pleno mar ! Dous infinitos
«Ali se esti e tam n'um abraço insano...
«Azues, dourados, placidos, sublimes,
«Qual dos dous é o céu ? Qual o oceano ?»

No poema—A Cachoeira de Paulo Affonso—publicado em 1876, cinco annos depois de sua morte, deixou-nos o desventurado Poeta um dos melhores ornamentos da litteratura nacional. Seria necessario transcrever paginas inteiras para dar aos leitores uma idéa do poema. Entre tantas bellezas, citaremos para terminar o—*Baile na Flôr* :

«Que bellas as margens do rio possante,
«Que ao largo espumante campea sem par ?
«Ali das bromelias nas flôres douradas
«Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar...»

*Em lindos cardumes
Subtis vagalumes
Ascendem os lumes
Pra o baile na flôr.*

*E então nas arcadas
Das pet' las douradas
Os grillos em festa
Começam na orchestra
Febris á tocar...*

*E as breves
Phalenas
Vão leves,*

*Serenas
Em bando
Girando,
Walsando
Vooando
No ar !...*

O Poemeto citado, d'nde extrahimos esses mimosos versos, é apenas um fragmento pelo qual se pôde avaliar o que seria o grande poema—Os Escravos—que o poeta deixou incompleto.

MANOEL DE ALVARENGA.

Castro Alves

Pinha na mão brilhante a trompa bronzeada.

(CASTRO ALVES—Deusa Incruenta)

Foram-se todas já ! uma era a bella
Musa das notas lyricas, sombrias ;
Outra—empunhava a taça das orgias ;
Outra—o pincel da americana tela ;

Esta era torva e extravagante ; aquella
De Henri Heine lembrava as phantasias ;
Eis as muzas gentis do Abreu, do Dias,
Do Azevedo, do Freire e do Varella.

Cada uma d'essas, pallida, sustinha
Na mão uma harpa d'oiro, e a desejada
Gloria a seguir, cada uma d'essas vinha ;

De Castro Alves, porém, a illuminada
Muza, em lugar d'uma harpa d'oiro, « tinha »
« Na mão brilhante a trompa bronzeada ».

RAYMUNDO CORRÊA.

O genio

(A' CASTRO ALVES)

Quando da vida aos cansaços
O genio dobra a cabeça ;
Elle que faz que, a seus passos,
O arbusto da idéa cresça ;

Risca de lúcidos traços
Do tumulo a noite espessa—
E uma deusa o acolhe ; e d'essa
Deusa, elle tomba nos braços ;

E ella, a luz do almo conforto,
A Virgem do riso franco,
A Deusa excelsa da Gloria ;

Escreve o nome do morto
Na folha que estava em branco
Do livro chamado—Historia.

JOÃO B. DA MOTTA AZEVEDO

Castro Alves

Alma filha da America, altaneira
Em que ardiam as chispas coruscantes
Do genio ! O' grande prole dos Atlantes,
Que provoam da Historia a cordilheira.

Dos immortaes seguiste a eterna esteira
Entre as aves do mar, aves errantes,
Vogando nas *Espumas fluctuantes*,
Nas espumas da tua *Cachoeira*.

Ao largo, ao largo ! o mar que tu navegas
Entre rajadas rabidas e cégas,
E' um mar sem fim, bravio de escarcéos ;

Singra albatroz divino as brancas vagas
Em quanto te atiramos d'essas plagas,
Como um soluço immenso, o nosso adeus !

AUGUSTO DE LIMA.

TYP. POPULAR—LARGO DA SÉ, 5